

6 MARCO 1890

PARANÁ



FUNDADORES

LEOCADIO CORREIA - LEITE JUNIOR - GABRIEL FERREIRO - JAMES SALOMINA

BIBLIOTECA NACIONAL

51-2173

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

ANNO III

Redacção
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51
PARANÁ—BRAZIL

Curityba, 13 de Maio de 1900

REDACTORES:
Leocadio Correia
Leite Junior

N.º 18



Ponto por ponto

«Foi distribuido, hontem, nesta capital segundo era esperado, um numero especial da sympathica revista litteraria *O Sapo*, dirigida brilhantemente pelos nossos amigos Leocadio Correia e Leite Junior.

Esse numero do *Sapo* dedicado as festas do 4º Centenario traz uma variadissima e escolhida collaboração, de grande numero de homens de letras desta capital.

E' um numero luxuoso, illustrado com muitos retratos de poetas e prosadores paranaenses.

Entre as composições litterarias que o *Sapo* apresenta, destaca-se pela impressão original e fina em quatro cores, o *Lied*, versos cavalleirescos do nosso collega Emiliano Pernetta.

E' de lamentar que em tão formosa edição, houvessemos de notar algumas faltas graves.

A primeira, a que nos fêre de primeira vista, é a exclusão de alguns distinctos litteratos d'entre o numero celebrado pelo *Sapo*.

A segunda, é o ponto de vista em que se collocou o redactor dos *Traços*. Não ha alli uma nota que ponha em pé, verdadeiramente, nenhum dos nossos artistas. Depois, que diabolico confundir-se um jornalista com um artista, que significa, adoravel escriptor dos *Traços*?

Salvos esses pontos, só temos applausos para a delicada revista de Leocadio Correia e Leite Junior».

Do «Commercio», n.º 53 do dia 4 de Maio corrente.

Como solemne protesto a noticia queahi fica, publicamos para não perder a oportunidade, pelas columnas da nossa distincta collega «Gazeta do Povo», n.º 96, de 5 do corrente, o seguinte artigo com a epigraphe acima:

«Que de falbalás ficticios, oh nossa terra! enfeitão-te ainda ao commemorares o 4º centenario do teu feliz descobrimento!...

Que de profundos pozares não terias, Cabral—immortal!— se poudesses por momentos vir confabular com os de hoje!...

«Tão brilhantemente», tão deliciosamente, abriu, o delicioso e adoravel noticiarista do «O Commercio», a noticia com referencia ao numero commemorativo da revista «O Sapo» ao 4º centenario do descobrimento do Brazil, que, jamais, mereceria ser taxado de possuir temperamento igual ao d'Aquelle que em vida se chamou—Pardal Mallet!...

Mas, por felicidade talvez daquelles que traçam estas linhas, o noticiarista delicioso, revelou-se, revelou-se...

E, tanto maior é o valor desta revelação, quanto, é ou era conhecida a intenção que houve da parte da redacção da popular revista, de homenagear o Paraná Litterario, — e não mostrar artistas, fazer distincções entre estes e jornalistas, — para cujo fim foram esculpulosamente escolhidos os 16 paranaenses que figuram na pagina illustrada da revista de 3 do corrente.

Artistas! onde, na verdadeira accepção da palavra os ha no Paraná?

Então, o ser artista consiste unica e exclusivamente no modo de castigar a Forma?...

Continue o nosso delicioso e adoravel noticiarista a collocar um cordão sanitario entre: *artistas* e *jornalistas*.

Lá, n'aquella já tão acclamada pagina da revista «O Sapo», de que nos orgulhamos de ser fundadores e redactores, não se procura saber qual o artista, qual o jornalista, e sim, oh! delicioso noticiarista do «O Commercio», quaes os poucos Paranaenses que dotaram o nosso caro Paraná com seu esforço intellectual encerrado n'um livro!...

Esquecemo-nos de contemplar muitos litteratos distinctos...

Aponte-os; porem, lembre-se, delicioso noticiarista, que fazemos questão do nosso idioma e que aquelle quadro encerra em si estas palavras: Auctores Paranaenses.

Exigente noticiarista que és, oh do *Commercio*!

Aquelles—*Traços*— é verdade, não recomendamos, como queres, nenhum dos nossos prezadissimos patricios como artistas, porem, contem, com muito mais valor não ha a negar, o que são elles na realidade!...

Exigente noticiarista que és, oh do *Commercio*!

Leocadio Correia.
Leite Junior.

Chroniquetas fluminenses

Luar de opala, branco e triste; luar de neve... aclaria o dorso entumecido do mar, pallidamente, como um pulvilhamento finissimo de pó de perolas...

Astros faiscam fulgurantemente, no magno Infinito, como brilhantes engastados em velludo azul.

Nostalgia no céu; e sobre minh'alma, o lucto negro dos vencidos—o tédio—o grande tédio-feio, horrendo, de Schakespeare.

N'essa noute, em que a alma do artista eleva-se, cheia de fé e de entusiasmo, ao palacio magico do Sonho, eu, meio artista, meio burguez, deixei-me levar tambem n'uma avalanche de povo, ao celebre Largo do Machado—*centro dos habitués* elegantes, sub-elegante e archi-elegantes d'este grande Rio, de Janeiro.

Innumeros biccos de gaz, de luz electricas, projectavam fachos luminosos, de um luminoso pallido, sobre os parallelepipedos esbranquiçados do calçamento. Enfileirados, n'uma ordem symetrica, os bonds electricos do Cattete, Flamengo e Candelaria, aguardavam as badaladas da partida, distendidos em linha, em frente ao Jardim, formando ao todo, um conjuncto interessante.

Grupos de dandys, discutem a *evolução da moda*.

Passa uma menina, saracotéando-se toda, apertada n'um espartilho-cilicio. O chapéosinho á jardineira, collocado um tanto penso p'ro lado direito, dava-lhe assim um certo ar de... elegante falsificada. A sua passagem deixa um rastro de

perfume delicioso : um mixto de carne e de Skine.

Um janota que passava, afogado n'um collarinho de seis centímetros, monoculo ao canto do olho esquerdo, bengalinha descrevendo círculos, bradou n'um delirio de enthusiasmo :

— Oh ! ferro !... que gentil naide !

Logo a diante, vagarosamente, n'um passo de rainha desthronada, a frente erguida, uma grande fronte muito branca, onde a luz chlorotica do gaz dava uns reflexos de marmore, uma inglezinha, loura como o sol de Londres, esgueirava-se por entre alas dos que curvavam-se reverentemente ante a sua passagem. A pose magestosa da seductora *miss*, alta e flexivel, salientando-se como um canção esguio, attrahio-me a attenção, e procurei *physiognomial-a* : tinha os labios rosos, tão pequeninos ! como labios de creança ; dir-se-hia que as palavras passavam por elles como um sopra, impereceptivel. Os olhos, de um azul sombrio, deixavam advinhar uma alma romantica, extremamente sensivel. ...opé... oh ! esse não me foi dado examinal-o, pois senti ante a minha vista, interceptando-a, o corpo rochinchudo e obeso de um burguez feliz.

Quando ainda não se havia dissipado essa impressão do meo espirito, sinto baterem-me no hombro, volto-me, e dou de face com o Alfredinho, o apaixonado de *D. Esther branca de neve*...

Recentemente barbeado, bigodes frisados, perfumoso, elegante, com aquelle mesmo *chic* do qual as leitoras ainda se devem lembrar. Abraçamo-nos, e, n'um *formidoloso*

aperto de mão, o Alfredinho convidou-me para *um chopp* no Parque.

— Dion !... Dion !... Dion !... morosamente o sino da Gloria vibra as dez horas, entanto que nós, soltamos a ultima bafurada de fumo, de um magnifico cubano. O Nicolino encaxiota o seu violino. Depois, na porta do Parque, sob a projecção de innumeradas luzes, o Alfredinho apertou-me a mão e disse-me :

— * Quando eu vejo o luar... Quando eu vejo o luar... tenho saudades do Bandeira.

Adeusinho... moro na rua... numero...

— Obrigado, obrigado. Eu ia estou : Praia do Russell n.... E separamo-nos saudosamente.

Emquanto o electrico rodava na linha ferrea, a minh'alma passeava por ahi, admirando esse batracchio.

Subito, fui despertado por uma voz de falsete que annunciava : Esperança ! Bomfim ! Caridade ! 1069 ! Anda á roda amanhã ! Compra freguez ! 15 contos por 200 reis ! !

— Olha a «Noticia», «O Paiz», «O Brazil da Tarde» ! *Tras* importantes telegrammas do Transwaal !

Dahi á momentos, estive só, entre as quatro paredes de meu quarto, ouvindo o marulhar dulcissimo das ondas que chocavam-se de encontro ás Feiticeiras, entanto que minh'alma visitava essa terra adoravel.

Rio, Abril de 900.

EDUARDO DJALY.

No Baile

Dansava uma habaneira a minha namorada Num requebro Andaluz. Das moças de Sevilha, Das filhas de Madrid, dançando de mantilha, *O tic original* ella mostrava em cada

Movimento. Ao passar por mim como uma pilha Electrica me faz tremer. Na ma risada Ella accende em minha alma uma extranha alvorada De gosos e *frissons*. Segue-se uma quadrilha.

Convido-a p'ra dansar e ella promptamente Accede o meo pedido, e, enquanto largamente Conversamos do amor que nos prende a existencia,

O pae, que não me gosta, espreita carrancudo. Encostado a uma porta fiscalisa tudo, Com ar aborrecido e gestos de impaciencia...

LEITE JUNIOR

NOSSA GALERIA

Generoso Borges

Mais um dos saudosos collegas dos tempos do *Apostolado* orna hoje, distinguindo-a, a nossa *Galeria*.

Filho de distincta familia de Guaparuava, onde nasceu pelo anno de 1875, aos 23 de Julho, o nosso illustre collega ja tem, dizemos sem medo de errar, um nome feito nas letras paranaenses, onde as suas producções têm apparecido nas diversas columnas da imprensa periodica.

Ellas por ahi andam, triumphantes, — ora fulgurando no delicado psalterio da rythma, ora sorrindo, soluçando as vezes, no *frisson* communicativo da proza artistica.

Superfluo seria reeditamol-as aqui, tão vinculadas devem ellas estar na mente de todos aquelles que tem acompanhado a nossa evolução intellectual.

Ubirajara fallou :

— A vingança e a gloria do guerreiro ; Tupan a deu aos valentes. Ubirajara venceu Pojucan em combate leal e accita o desafio de Itaquê e todos os chefes tocantins.

— Tu és meu hospede enquanto Itaquê brandir o grande arco da nação tocantim, ninguém offenderá o amigo de Tupan na taba de seus guerreiros.

Dizendo assim, o grande chefe ergueu-se e trocou com o estrangeiro a fumaça da despedida.

— Parte. O sol que viu o estrangeiro na cabana hospedeira o acompanhará amigo ; mas com a sombra da noite, mil guerreiros, mais velozes que o nandú, partirão para levar-te a morte.

Ubirajara tomou suas armas e disse :

— O hospede vai deixar tua cabana, chefe dos tocantins ; tu verás chegar o guerreiro inimigo.

Itaquê seguiu o estrangeiro até o terreiro ; em torno d'elle se reuniram os abarés, os moá

Ubirajara (17)

JOSÉ DE ALENCAR

(Continuação)

VII

A GUERRA

Ubirajara contou o seu encontro com Pojucan ; o combate em que o venceu e a festa do triumpho, até o momento em que deixou a taba dos araguayas.

Terminou dizendo que no seguinte sol partiria para assistir ao combate da morte, como promettera ao prisioneiro.

Ninguém interrompeu a maranduba de guerra. Ubirajara ouviu um gemido ; mas não seube que rompera do seio de Aracy.

Itaquê arquejou como o rio ao peso da barasca.

— Tu és Ubirajara, senhor da lança. Eu sou Itaquê, pai de Pojucan. Tenho em face o matador de meu filho ; mas elle é meu hospede.

«Chefe dos araguayas, tu és um joven guer-

reiro ; pergunta a Camacan que te gerou, qua deve ser a dor do pai, que não pode vingar a morte do filho.

O grande chefe vergou a cabeça ao peito como o cedro altaneiro batido pelo tufão.

Pojucan tinha sua taba mais longe, na outra margem do rio. Elle partira n'ultima lua para rastejar a marcha dos tapuias ; e voltava senhor de caminho da guerra quando encontrou Ubirajara.

Seu Pai e os guerreiro de sua taba pensavam que elle buscava na floresta o caminho da guerra. Mal sabiam que a essa hora esperava prisioneiro na taba dos araguayas o combate da morte.

Anciões e guerreiros emmudeceram. Todos respeitaram a dor do pai e não ousavam perturba-la.

Jacamim, a mãe de Pojucan, approximara-se. O grande chefe ouviu seu gemido.

— A esposa de Itaquê não chora na presença do matador de seu filho.

A voz do esposo, a mãe teve força para esconder no seio sua tristeza e mostra-se digna do grande chefe dos tocantins.

Não lemita-se, porem, ao circulo, aliás vastissimo, da proza e do verso, ou, n'uma palavra,—da arte,—a vida intellectual do nosso biographado. Conhecemol-o tambem como jornalista e, o que é mais, como um espirito gracioso e satyrico.

A prova do que dizemos está, primeiramente, no periodico *Oito de Dezembro*, contemporaneo nosso e que, como tal, corrobora claramente no que asseveramos.

Agora, retrocedamos á uns annos atraz e o iremos encontrar, com o mesmo brilho e com a mesma graça, nas chisiosas e lembradas *Chronicas* da «VERVE», onde o seu *atticismo* jovial occultava-se, enigmático, no pseudonymo de *Genesio*.

Como polemista não conhecemol-o profundamente; mas, através do pouco que, n'esse terreno, conhecemos a seu respeito, duvida nenhuma pômos em vel-o com o mesmo nome laureado e triumphal.

São esses os ligeiros traços da vida litteraria de Generoso Borges.

Paraná Litterario

Na «Gazeta do Povo» do dia 7, deparamos com o artigo abaixo que á digna collega foi enviado conforme diz, por um distincto escriptor paranaense que modestamente se occulta sob um pseudonymo.

Este artigo, consciencioso na Forma, no Fundo e no Estylo, veio reforçar o que tivemos occasião de dizer sobre o caso.

Precisamos é de sinceridade...

«Sob esta epigraphe, escreve-nos um distincto escriptor paranaense,

caras e os guerreiros para assistirem á partida.

Ubirajara caminhou com o passo lento e grave até o fim da taba.

Chogada allí, tornou rapido á entrada da cabana e retrocedeu, apagando no chão o vestigio de seus passos.

A nação tocontim o observa immovel.

Por fim o estrangeiro postou-se no centro da oca e com o formidavel tacape vibrou no largo escudo um golpe, que repercutiu pela taba como o estrodo da montanha.

—O hospede passou o lumiar da cabana que o tinha acolhido e apagou seu rasto na taba dos tocontins.

«Quem está aqui é um guerreiro armado, que pisa senhor a taba de seus inimigos.

«Itaquê, morubixaba dos tocontins, Ubirajara, o senhor da lança, grande chefe dos araguayas, te enviou a guerra no ponta de sua setta.»

Quando o guerreiro acabou de proferir estas palavras, Itaquê levantou os olhos e viu cravada na figura do tocano, que era o symbolo da nação, a setta de Ubirajara.

que modestamente se occulta sob o pseudonymo de—*Um assignante*: Está em discussão na imprensa a pagina illustrada da revista «O Sapo» do dia 3 a que o *O Commercio* qualificou de incompleta, de não fazer selecção entre jornalistas e artistas e de não apresentar como auctores paranaenses os que com nosco affirmam a existencia d'Arte, nesta terra do *ilex-matte* e das araucarias gigantes.

Permittem-nos um aparte, os nossos bravos contendores?

Somos um observador de fóra, que não deseja vêr dispersos e conflagrados, os garbosos cavalleiros dessa Nova Cruzada santificadora que aqui está quebrando lanças em prol da Arte e do Sonho!

Ora a revista *O Sapo*, com aquella sua antiga correção, deu-nos uma pagina artistica e não um dictionario bibliographico.

Onde caberiam os bustos e perfis ou traços de todas as personalidades artisticas simplesmente litterarias lembradas ainda agora por Emiliano Pernetta na revista *Club Curitybano*? E, principalmente, onde caberiam os esquecidos pelo mesmo escriptor, como sejam D. Marianna Coelho, Dezembargador Barros Junior, delicado auctora *Olga*, Alfredo Munhoz, Dezembargador Agostinho Ermelino de Leão, auctor de bellissimas produções dramaticas, Theophilo Soares Gomes e Libero Braga, igualmente dramaturgos de subido merito, dr. Leocadio Correia, Claudino dos Santos, Urbano Carrão, Celestino Junior, João Buava, Rozario Corrêa, Luiz Franca Leocadio Pereira, Teixeira Coelho, Hyppolito Pereira, Benedicto Nicoláo dos Santos, um dos

redactores da bella revista «Azul», Affonso Camargo, Ricardo Costa Junior, dr. Reynaldo Machado, João de Tapitanga etc. paranaenses ou não que aqui fizeram e fazem litteratura?

Porque os esqueceu o illustrado auctora secção *Paraná Litterario*, da revista *Club Curitybano*?

Já vê o *O Commercio*, que *cd e lá...*

Demais, tem a revista *O Sapo* para isental-a das injustiças dos que a suppõe de má fé nessa questão, o facto de publicar a galeria incriminada, com o sub titulo *Auctores Paranaenses*.

Ella não disse que a galeria fosse a dos auctores, mas sim de auctores, paranaenses.

Muito embora figurassem duas individualidades apenas, ainda assim estaria justificado o sub titulo.

Com isso não negou a bella revista *O Sapo* o ingente e brilhante concurso que escriptores aqui residentes mas naturaes de outros Estados, teem prestado á obra do nosso aperfeiçoamento artistico.

Não. Nós, simples assignantes da revista *O Sapo*, assim o cremos e affirmamos, porque nos habituamos a vêr, pela luxuosa revista de Leocadio Correia e Leite Junior, aquelles escriptores acatados merecidamente, sem a indagação que seria ridicula, se *Fulano* ou *Beltrano* nasceo aqui ou ali.

Basta que seja nossa a Arte que elles fazem, contribuindo assim para maior gloria do nome paranaense, para que faes escriptores tudo nos mereçam.

Mas, no caso vertente, não aproveitamos esse modo de pensar, pois tratou-se de homenagear a terra para-

A formosa virgem fóra á cabana do casamento buscar rede nupcial e preparar-se para acompanhar o esposo.

—Ubirajara parte; mas antes de cinco soes elle estará aqui para te conquistar á tua nação.

—A esposa te acompanha. Teu braço valente já a conquistou; e ella entregou-se á seu senhor. Aracy te portence; deves levá-la.

A virgem tocontim desejava seguir Ubirajara á taba dos araguayas. Fallava em sua alma a ternura da esposa e da irmã.

Partindo, ella uniu-se para sempre a seu guerreiro e esperava que o amor o moveria a salvar Pojuca.

Ubirajara pensou e disse:

—Si Ubirajara tivesse rompido a liga de Aracy, ella era sua esposa; e ninguém a arrebataria de seus braços. Mas a virgem tocontim não pode abandonar a cabana onde nasceu, sem a vontade de seu pai.

(Continua)

Mil arcos se ergueram; mil tacapes brandiram. A voz possante de Itaquê abateu as armas de seus guerreiros.

Disse o morubixaba:

—A lei da hospitalidade é sagrada. A coera do estrangeiro não deve perturbar a serenidade do varão tocontim.

Depois voltou-se para o inimigo:

—Ubirajara, grande chefe dos araguayas, Itaquê, o pai da poderosa nação tocontim, aceita a guerra que tu lhe enviaste. Recebe em teu escudo o penhor do combate.

A corda do grande arco da nação tocontim brandiu, e a setta de Itaquê mordeu o escudo de Ubirajara.

—Vae buscar teus guerreiros e nós combateremos á frente das nações.

—Ubirajara combaterá até que lhes restituas a esposa; assim como elle a conquistou a seus rivaes, saberá conquistá-la a ti e á tua nação.

O chefe araguaya partiu. No seio da floresta encontrou Aracy que o esperava.

naense reunindo n'uma mesma galeria os seus mais distinctos filhos, e para isso a revista *O Sapo* os foi procurar dentre essa pleiade brilhante de moços, onde ha tambem illustres filhos de outros Estados.

Não podia fazel-o? Porque?

Não houve prevenções nem má fé, pois que *O Sapo*, nós assim o cremos, a todos acata e distingue, se tem talento.

Alguem vem trabalhar connosco; vem terçar armas vigorososas em prol do Bello e do Estylo? Salve, irmão! que nascido nesta mesma Patria, és e serás neste recanto recebido com a guarda de honra que te dá direito o teu Talento e o teu Merecimento!

Do que nós precisamos é de congratamento que nos fortaleça; de paz e de amor; e, sobretudo, de sinceridade, para que a nossa obra não receba logo após o seu apparecimento, o baptismo da má vontade que a enfraqueça e amesquinhe!»

Um assignante

Ainda *sobre o caso*, encontramos no «Diario da Tarde», de 9, o seguinte:

«Tenho acompanhado a discussão que vêm de se ferir sobre a noticia dada pelo «O Commercio», sobre o luxuoso numero com que a revista «O Sapo» commemorou o 4º centenario do descobrimento da nossa cara Patria, e, se me permitem venho trazer a barra do jornalismo o meo tão mediocre quaõ patriótico aparte.

Ora, a bella revista «O Sapo», como muito bem disse aquelle que hontem firmou um consciencioso artigo sobre o caso pelas columnas da «Gazeta do Povo», não teve, a alias arrojada ideia, de nos apresentar um dictionario bibliographico...

Este *desideratum* deveria ser, — caso se queira tudo levar a *ponta da faca* — do auctor da secção Paraná Litterario, da revista *Club Curitybano*.

E, qual seria o motivo que o levou a deixar a margem nomes como aquelles hontem lembrados pelo consciencioso articulista? E, mais estes que de momento me occorrem: dr. Estacio Correia, Luiz D. Cleve, João Regis, Felipe Marinho, Tiburcio Costa, e muitos outros ainda que, com os em evidencia têm contribuido, pouco que importa! para annunciar bem longe que no Paraná tambem se faz litteratura.

Agora, se isto de litteratura é monopolio d'este ou d'aquelle, então — deliciosos contendores — piumas alvadias ao vento! — para a guerra! — quebremos lanças em prol dessa Dama caprichosa a Arte, que, ha quem affirme, existe lá mais ao longe, na Fórma, no Estylo, no Novo, no Incognoscivel! e veremos depois, porém, depois que a setta da Critica ferir um dos bravos contendores, qual aquelle que tinha razão atravessando o caminho do Ideal!..

Ao *Sapo*, Palmas!»

Um Interessado



Coaxos

Que os meos primeiros coaxos se voltem para ti, delicioso noticiarista d'«O Commercio», como a homenagem d'uma attenção. A arte tem exquisites collossaes! E a prova disso é a tua construcção, ó delicioso etc, etc!

Cesar Lombroso perdeu em ti um magnifico especimen para os seus estudos scientificos.

Incontestavelmente!

Com que então a tua vaidade artistica foi correspondida plenamente, ao passo que os nossos esforços foram nullos porque os teos irmãos espirituaes não foram contemplados, hein?...

Que pena!...

Já o throno dos Braganças sentia as primeiras oscillações que o destruíram por completo na aurora de 15 de Novembro.

A Princesa Izabel — *A Redemptora* — movida pela conveniencia da occasião assignava a Lei que abolia a escravatura por toda esta grandiosa e opulenta extenção que se chama Patria Brasileira, por entre os mais ruidosos applausos daquelles que até então se extorciam miseravelmente sob o peso d'um captivo nefando.

Os visionarios sublimes da nossa redempção politica que assignalavam, ao longe, a imagem veneranda da Republica que nos esperava — seios tumidos e fartos de vida e liberdade — tambem applaudiram a Lei estupenda de 13 de Maio, porque a Democracia começava a manifestar-se; porque após a liberdade dos Africanos seguir-se-hia a dos Brasileiros!

E assim foi!

E facto incontestavel que o motivo da assignatura da Lei de 13 de Maio foi o perigo eminente que ameaçava o throno ridiculo que asphixiava este abençoado torrão Sul Americano.

Salve! 13 de Maio.

Occaso d'um regimem despotico!

Data gloriosa que assignala os primeiros lampejos do Sol Republicano! Inicio da nossa Democracia! Prenuncio da nossa Liberdade!

Salve!

Sá Ran Pó.

Solidariedade

Grande numero de pessoas, entre ellas distinctos litteratos do nosso meio, tem, já verbalmente, já por escripto, enviado á esta redacção lisongeiros cumprimentos pela attitudde que tomou com relação a noticia sobre o numero commemorativo ao 4º centenario do descobrimento do Brazil, que approveu dar o noticiarista do «O Commercio».

Sentimos profundamente que muitas dessas demonstrações de solidariedade, tivessem sido feitas sob a despresivel capa do anonymato.



Chroniquetas fluminenses

Um fulgido espirito de Arte, que se occulta sob o pseudonymo de Eduardo Djaly, inicia hoje por estas columnas as suas *Chroniquetas fluminenses*.

Pelo garbo com que o novo cavalleiro vem desferindo o cantico eoleo, da Phantasia e do Sonho, o leitor que se guie a procural-o no lucido caminho da Forma e da Arte.



Espalha-se...

...que o delicioso e adoravel noticiarista do «O Commercio», não respondeo a serie de artigos sobre o — Paraná Litterario — por certas e determinadas circunstancias...

...que quando se commette *leviandades* fica-se... que a posição é critica;

...que isto da gente dizer as cousas somente porque o calor da conversação conduz é o diabo;

...que *nos outros* devemos tomar uma posição activa, porem, sem impedir de levarmos páo...

...que o morcego é um animal que suga, suga, e depois asopra;

...que uma vez necessario lavagem da *roupa suja*, muito pedacinho bonito teria de correr munde e era bem possivel um grosso (?) escandalo no — Paraná Litterario;

...que — que — que (symbolo no toc-toc-toc) quem tem telhado de vidro não atira pedra no do visinho;

...que Pardal Mallet foi um grande homem... mas muita gente boa ignorava uma certa particularidade sua;

...que é mentira que a fera no seu covil não supporta por muito tempo brincadeiras de mão gosto;

...que senão já tinha havido explosão...

Sapinho.